

“Deixem que digam, que pensem, que falem...”

Sônia Bastos Borba Costa*

Se toda língua expressa tudo de que os seus falantes precisam, por que se criam palavras novas? Se pensarmos em novas situações ou em novos objetos, veremos melhor essa necessidade: é o caso do vocabulário da informática, que difundiu empréstimos do inglês, ou do reconhecimento social do homossexualismo, que tornou familiares termos como *transexual* ou *relações homoafetivas*.

A gíria, como todo acréscimo lexical, é também fenômeno que chama a atenção, pela simpatia ou rejeição, refletindo posturas divergentes: de encanto pela criatividade ou de inconformismo, por temor à mudança lingüística. Seu objetivo é demarcar fronteiras, tornar impermeável o vocabulário de um grupo, tal como ocorre com os jargões profissionais. Na base, está a expressividade, por vezes desgastada em vocábulos antigos.

Assim, reciclamos palavras, como *bárbaro*, *sinistro* ou *emergente*; ou imaginamos um novo sentido, recortado ou ampliado do conteúdo semântico do antigo significado, como em *leva e traz*, *maresia* (dicionarizada como “cheiro forte do mar” e como “cheiro penetrante de maconha”), *aprontar* (dicionarizada como “tornar pronto” e como “proceder de modo indevido, provocando confusão”). Usamos também sufixos consagrados na língua, como nas palavras *perigete* (cognata de *a perigo*, expressão dicionarizada), *miseravona*, *cobreiro* (sinônimo de *cobrador*). Podemos ainda combinar sons, motivados pela semelhança sonora entre a palavra e aquilo a que se refere, como em *tititi*, *blá-blá-blá*, ou sem semelhança sonora, mas com associações, evocações visuais, gestuais, como em *trique-trique*. Reduzimos palavras, como em *Pelô*, ou as tomamos de empréstimo, aportuguesando-as (como em *sanduíche*) ou não (como em *light*, *diet*). Certamente haverá outros meios de criação. No caso do português brasileiro, beneficiamo-nos da contribuição de línguas indígenas (caso de *teíú*, *puba*, *arara*) e africanas (caso de *cafuringa*, *axé*, *cafuné*), que, em decorrência de percalços histórico-sociais, cederam espaço de predominância no uso lingüístico à língua portuguesa.

Quanto ao consagrado *baianês*, podemos nos deliciar com a inventividade da língua, quando entregue ao seu verdadeiro dono, o povo. Atentos a isso, entre muitos outros, Nivaldo Lariú nos brindou com o seu delicioso *Dicionário de Baianês*; Euclides Neto, com o seu *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores*; Suzana Cardoso e Carlota Ferreira, com o seu lingüisticamente fundamentado *O Léxico Rural*; Elomar, com suas *cantorias*. Não nos esquecemos de que outros brasileiros, de hoje e de ontem, trilharam esses caminhos. Lendo-os, é saboroso para o leitor reconhecer ou aprender modos de falar, *baianês* ou brasileiro. Tão saboroso quanto ouvir os filhos ao telefone, os mais velhos, os *roceiros*, os *socialites*, os *camelôs*, os cantores, os esportistas, os políticos, usando termos como *galera*, *ralar*, *banda voou*, *bala*, *pinta*, *barraco*, *natureba*, *eco-chato*, *fuzuê*, *bafafá*, *arerê*, *borocotó*, *buzar*, “*sales*”, *cd pirata* e *genérico*, *labuta*, *tirana*, *xuxuzinho*, *mariposa*, *avião*, *sassaricar*, *bolodório*, *porquera*, *espinhaço*, *carango*, *arabaca*, *mamão*, *biônico*, *xiita*.

Para quem sabe ouvir, *assuntar* bem, é *bacana*, *legal*, um *barato*, uma *curtição*, uma *onda*, uma *viagem* ..

*Professora de Língua Portuguesa do Instituto de Letras / UFBA, Mestre e doutora em Letras pela mesma Instituição.